



ARTIGO/DOSSIÊ

**REPRESENTATIVIDADE FEMININA
NEGRA NO ROMANCE EPISTOLAR
CARTAS PARA MINHA MÃE,
DE TERESA CÁRDENAS,
E NO POEMA-CANÇÃO
ME GRITARON NEGRA,
DE VICTORIA SANTA CRUZ**

DENISE DIAS

MÔNIA FRANCIÉLE DE SOUZA DOURADO

ONDINA MARIA DA SILVA MACEDO

SOLANGE DA SILVA CORSI

Denise Dias

Pós-Doutora em Crítica Cultural na área de Letras.

Linha: letramento, identidades de formação de educadores – UNEB, 2020.

Professora do Instituto Federal do Amazonas, com lotação no Instituto Federal Goiano – Campus Ceres.

Professora do quadro permanente do Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica – Profept.

Membro do Grupo de Pesquisa “Licultin – Língua, Cultura e Interação”.

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/3831323207268046>.

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-8508-1257>.

E-mail: denise.dias@ifgoiano.edu.br.

Mônia Franciele de Souza Dourado

Doutoranda em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás.

Professora do Instituto Federal Goiano – Campus Ceres.

Membro do Grupo de Pesquisa “Poesia e Testemunho”.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2105064931394612>.

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-9082-4174>.

E-mail: monia.dourado@ifgoiano.edu.br.

Ondina Maria da Silva Macedo

Doutora em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás, 2021.

Professora do Instituto Federal Goiano – Campus Ceres

Membro do grupo de pesquisa “Licultin – Língua, Cultura e Interação”.

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/6781289995456553>.

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-6466-1973>.

E-mail: ondina.silva@ifgoiano.edu.br.

Solange da Silva Corsi

Doutora em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás, 2017.

Professora do Instituto Federal Goiano – Campus Ceres.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6820595732554665>.

ORCID iD: <https://orcid.org/0009-0007-2238-5991>.

E-mail: solange.corsi@ifgoiano.edu.br.

Resumo: Neste artigo, analisam-se dois textos literários, sob a ótica do protagonismo negro feminino, presentes em *Cartas para Minha Mãe*, romance epistolar da autora cubana Teresa Cárdenas, de 1997, e no poema-canção *Me Gritaron Negra*, de 1960, da poeta e ativista peruana Victoria Santa Cruz. As obras são protagonizadas por mulheres negras, que passaram por diversas transformações ao longo da história, enfrentando violências, agressões e preconceitos. O presente estudo investiga, assim, a relevância dessas produções literárias, como forma de denúncia e combate à discriminação racial e de gênero, a qual tenta calar a voz e a atitude das mulheres negras. Trata-se, portanto, de uma pesquisa bibliográfica, em que os relatos feitos pela escritora, em suas obras, são analisados sob à luz da teoria dos escritos de Evaristo (2005), Hall (2011), Nascimento (2015),

Santiago (2012), Benatti e Candido (2020), Ribeiro (2017), entre outros estudiosos. Os resultados dessa pesquisa apontam para uma visão mais reflexiva sobre o papel da mulher negra na sociedade contemporânea. Além disso, mostra-se a importância da voz feminina negra, por meio da literatura, e como esta pode contribuir para o fortalecimento diário da luta por igualdade de raça e de gênero.

Palavras-chave: Identidade negra. Literatura negra. Mulher negra. Preconceito. Representatividade.

Abstract: In this article, two literary texts are analyzed, from the perspective of black female protagonism, present in *Cartas para Minha Mãe*, an epistolary novel by the Cuban writer Teresa Cárdenas, from 1997, and in the poem-song *Me Gritaron Negra*, from 1960, by the Peruvian poet and activist Victoria Santa Cruz. The works are starred by black women, who have gone through several transformations throughout history, facing violence, aggression and prejudice. The present study thus investigates the relevance of these literary productions, as a way of denouncing and combating racial and gender discrimination, which tries to silence the voice and attitude of black women. It is, therefore, a bibliographical research, in which the reports made by the writers, in their works, are analyzed under the theory of the writers Evaristo (2005), Hall (2011), Nascimento (2015), Santiago (2012), Benatti and Candido (2020), Ribeiro (2017), among other scholars. The results of this research point to a more reflective view of the role of black women in contemporary society. In addition, the importance of the black female voice is shown, through literature, and how it can contribute to the daily strengthening of the struggle for race and gender equality.

Keywords: Black identity. Black literature. Black woman. Prejudice. Representativeness.

INTRODUÇÃO

Neste artigo, analisam-se dois textos literários: *Cartas para Minha Mãe*, romance epistolar da autora cubana Teresa Cárdenas, de 1997, e o poema-canção *Me Gritaron Negra*, da poeta e ativista peruana Victoria Santa Cruz, de 1960. Tal análise foca na perspectiva do protagonismo negro feminino, presente em ambas as obras, sendo discutidos também outros temas polêmicos e relevantes, como abusos, agressões, preconceitos, religiosidade, entre outros. O presente estudo investiga, assim, a importância dessas produções literárias, como forma de denúncia e combate à discriminação de raça e de gênero, a qual tenta calar a voz e a atitude das mulheres negras. Dessa forma, é importante tecer uma análise comparativa entre as duas produções, evidenciando os pontos que se aproximam e se distanciam nas duas obras, no que tange ao âmbito social, racial e estético.

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica a qual se desenvolve “com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (GIL, 2002, p. 44), que visa trazer novas contribuições aos grandes temas existentes no campo da literatura, como formação humana, experiência estética e fonte de análise e denúncia social. Como referencial teórico, são tomados como ponto de partida os pressupostos de Evaristo (2005), com relação à escrevivência, além dos preceitos teóricos de Mbembe (2014), Hall (2011), Nascimento (2015), Santiago (2012), Benatti e Candido (2020), Ribeiro (2017), entre outros.

Conhecer textos literários que provocam uma reflexão crítica aprofundada sobre o papel da mulher negra na sociedade e que apresentam vários aspectos que reverberam nos dias atuais é uma experiência bastante enriquecedora, do ponto de vista histórico,

social e cultural. Essa é uma forma de instigar os leitores e demais interessados em literatura, história e sociedade a enveredar no caminho das letras e dar-lhes a chance de ter uma troca de experiências única, que promova uma transformação interior, tal como propõe Perissé (2006). Esse efeito transformador, instigado pela leitura literária, ao promover reflexão e humanização, justifica sua importância para a formação humana e crítica dos cidadãos.

Por isso, obras literárias focadas em críticas e denúncias sociais devem ser estudadas e divulgadas amplamente a todas as camadas da sociedade, principalmente aquelas de autorias femininas negras. Tais produções merecem essa atenção, não somente pela importância representativa de seus escritos, mas também pela reflexão sobre a subjetividade da mulher negra e como ela foi construída em meio a um cenário avassalador de desigualdade e de preconceito racial. Nesse sentido, a literatura pode atuar no reconhecimento da história, por uma perspectiva de mulheres negras e na reconstrução de suas identidades, de tal modo que elas assumam o lugar de fala que lhes é de direito, a partir de suas memórias e ancestralidade. Diante desses aspectos, torna-se relevante apresentar as autoras contempladas neste texto.

SOBRE AS AUTORAS E AS OBRAS

Teresa Cárdenas Angulo nasceu em 1970, em Matanza, Cuba. É escritora, roteirista, bailarina, atriz e ativista social. Incomodada com a ausência de personagens pretos nas histórias que lia quando era pequena, a autora decidiu tornar-se escritora, a fim de lutar contra o preconceito e inserir esse grupo nas produções literárias. Conforme afirmam Benatti e Candido, “não bastava ser negra e

sofrer preconceitos com a cor da pele, Teresa Cárdenas desafiou os padrões e se tornou uma escritora que trata sobre essa dor” (2020, p. 113). Suas principais obras de sucesso, traduzidas para o português, são: *Cartas para Minha Mãe*, que recebeu o prêmio David, da crítica cubana, e *Cachorro Velho*, a qual foi contemplada com o Prêmio Casa de las Américas, em 2005. Não menos relevante na defesa do movimento contra o preconceito, Cárdenas tem publicado diversas obras infantis.

Já Victoria Eugenia Santa Cruz Gamarra nasceu no Peru, em 1922, na província La Victoria, e faleceu em Lima, em 2014, aos 91 anos. Foi estilista, dramaturga, coreógrafa, folclorista, professora, poeta, compositora e ativista, sendo um dos principais nomes do renascimento da cultura afro-peruana nos anos 1960 e 1970. Embora tenha se destacado mais em sua carreira como estilista e atriz, ela escreveu poemas, sendo o mais conhecido *Me Gritaron Negra*, dramatizado e vocalizado por ela mesma, em 1960. Tem publicado o livro *Ritmo, el Eterno Organizador*, um ensaio baseado em sua experiência de vida, feito a partir de alguns conceitos musicais, como o ritmo e a harmonia, refletindo, de forma filosófica, sobre a arte e a vida do indivíduo.

Ambas as autoras são negras, latino-americanas, nascidas no mesmo século, e as duas produções aqui analisadas são de grande representatividade para a literatura negra, com protagonistas femininas pretas, fortes e determinadas. A partir do exposto, a análise dessas obras é de fundamental importância para compreender a escrevivência de ambas as escritoras – termo criado por Evaristo (2005) para designar uma escrita literária que lhe é altamente significativa e vital à sua sobrevivência como mulher negra e de origem humilde.

Em *Cartas para Minha Mãe*, a protagonista é uma jovem negra cubana, cujo nome não é revelado, e que escreve cartas à sua mãe falecida, ressaltando todo o preconceito e discriminação que sofreu, sobretudo racial, de sua própria família, desde pequena, quando perdeu sua progenitora e passou a viver com a tia e as primas, Lilita e Nina, já que o pai era desconhecido. Atitudes que reforçam sua condição perante esse grupo são descritas em trechos nos quais a personagem afirma: “[...] todos me chamam de beijuda nessa casa onde eu não queria morar” (CÁRDENAS, 2010, p. 16).

Entretanto, a revolta com a situação é tão grande que a determinação da jovem cubana se torna maior que os obstáculos, e ela, com 10 anos de idade ao início da narrativa, consegue dar a volta por cima e vencer muitos dos preconceitos sofridos. A protagonista cresce de forma madura e segura de si, com autoafirmação da identidade negra, sem traumas ou revoltas, mesmo fazendo descobertas surpreendentes sobre os pais, o que a levou a compreender o motivo do ódio que sua tia e avó demonstravam em relação a ela. Ambas agrediam-na, tanto física quanto psicologicamente, e suas primas também a maltratavam, inclusive Nina, mais nova que ela. Lilita, a prima mais velha, passa quase o romance inteiro de cama, doente, e não aceita ser preta, o que faz com que consuma muito do seu tempo passando pente quente em seu cabelo.

Uma das inesperadas mudanças de atitude no romance é quando Lilita passa a aceitar sua prima como ela é e se torna mais próxima dela. A postura de Lilita, entretanto, parece bem distante da conduta da avó das meninas, que evidencia, em suas ações, a diferença de tratamento destinada às netas e à jovem cubana. Enquanto a senhora trata as primeiras com mimos e afetos, com a segunda lança mão de comportamentos agressivos.

Uma nova perspectiva se instaura no romance quando a protagonista faz amizade com um garoto de pele branca, chamado Roberto, e com uma senhora, Menú, que cuida dos vergões da garota, após ser agredida pela avó, utilizando ervas. Ao final da história, a protagonista e o rapaz já são adolescentes e se tornam namorados.

Já no poema-canção *Me Gritaron Negra*, há um eu-lírico feminino que relata todo o preconceito sofrido na infância, devido à cor de sua pele, como pode ser observado no fragmento abaixo, em que a garota, antes mesmo de completar cinco anos de idade, foi discriminada pela primeira vez e, então, começa a retroceder, sentindo-se diminuída por sua cor, odiando seus cabelos e lábios grossos. No intuito de suavizar seus traços negros, passa a alisar seus cabelos e aplicar pó no rosto. Durante anos, ela sente esse fardo em suas costas:

Tenía siete años apenas,
 apenas siete años,
 ¡Que siete años!
 ¡No llegaba a cinco siquiera!

De pronto unas voces en la calle
 me gritaron ¡Negra!
 ¡Negra! ¡Negra! ¡Negra! ¡Negra! ¡Negra! ¡Negra!
 ¡Negra!

“¿Soy acaso negra?” – me dije ¡SÍ!
 “¿Qué cosa es ser negra?” ¡Negra!
 Y yo no sabía la triste verdad que aquello escondía.
 Negra!

Y me sentí negra, ¡Negra!
 Como ellos decían ¡Negra!
 Y retrocedí ¡Negra!
 Como ellos querían ¡Negra!
 Y odié mis cabellos y mis labios gruesos
 y miré apenada mi carne tostada
 Y retrocedí ¡Negra!
 Y retrocedí...

¡Negra! ¡Negra! ¡Negra! ¡Negra!
 ¡Negra! ¡Negra! ¡Neeegra!
 ¡Negra! ¡Negra! ¡Negra! ¡Negra!
 ¡Negra! ¡Negra! ¡Negra! ¡Negra!

Y pasaba el tiempo,
 y siempre amargada
 Seguía llevando a mi espalda
 mi pesada carga

¡Y cómo pesaba!...
 Me alacé el cabello,
 me polvéé la cara,
 y entre mis cabellos siempre resonaba
 la misma palabra
 ¡Negra! ¡Negra! ¡Negra! ¡Negra!
 ¡Negra! ¡Negra! ¡Neeegra!
 Hasta que un día que retrocedía,
 retrocedía y que iba a caer
 ¡Negra! ¡Negra! ¡Negra! ¡Negra!
 ¡Negra! ¡Negra! ¡Negra! ¡Negra!
 ¡Negra! ¡Negra! ¡Negra! ¡Negra!
 ¡Negra! ¡Negra! ¡Negra!
 ¿Y qué?
 (LIDE UFF, 2013)

No entanto, na segunda parte do poema, depois de muitos anos renegando sua cor, o eu-lírico se transforma, muda de postura, e começa não apenas a se aceitar, mas também a valorizar sua raça e etnia. Deixa de alisar os cabelos e passa a rir e a ridicularizar aqueles que a insultam simplesmente por ser negra. A personagem, então, amadurece, sente-se segura, pois finalmente compreendeu o motivo de ser preta, já que, pelo lugar que ocupa, pode avançar na luta contra o preconceito e a discriminação racial. O poema-canção termina com esse eu-lírico feminino agradecendo a Deus pelo lindo tom de pele que tem e o orgulho que sente de sua cor, conforme o trecho abaixo:

¿Y qué? ¡Negra!
 Sí ¡Negra!
 Soy ¡Negra!
 Negra ¡Negra!
 Negra soy

 ¡Negra! Sí
 ¡Negra! Soy
 ¡Negra! Negra
 ¡Negra! Negra soy
 De hoy en adelante no quiero
 lacia mi cabello
 No quiero
 Y voy a reírme de aquellos,
 que por evitar – según ellos –
 que por evitarnos algún sinsabor
 Lllaman a los negros gente de color
 ¡Y de qué color! NEGRO
 ¡Y qué lindo suena! NEGRO
 ¡Y qué ritmo tiene!
 NEGRO NEGRONEGRONEGRO
 NEGRO NEGRONEGRONEGRO
 NEGRO NEGRONEGRONEGRO
 NEGRO NEGRONEGRO
 Al fin
 Al fin comprendí AL FIN
 Ya no retrocedo AL FIN
 Y avanzo segura AL FIN
 Avanzo y espero AL FIN
 Y bendigo al cielo porque quiso Dios
 que negro azabache fuese mi color
 Y ya comprendí AL FIN
 Ya tengo la llave
 NEGRO NEGRONEGRONEGRO
 NEGRO NEGRONEGRONEGRO
 NEGRO NEGRONEGRONEGRO
 NEGRO NEGRO
 ¡Negra soy!
 (LIDE UFF, 2013)

Vale destacar a musicalidade, sonoridade e o ritmo do poema, o qual ganha ainda mais força com o tom dado pela autora ao interpretá-lo¹, juntamente com outras vozes negras, que gritam e ecoam as palavras *Negra* e *Negro*, repetidas, propositalmente, várias vezes, sob aplausos, dando ainda mais força à luta pelo combate ao preconceito e à discriminação racial. A partir do exposto, nota-se a semelhança com a obra de Cárdenas, pois as meninas negras, retratadas pelas autoras, sofrem vários tipos de insultos e agressões por causa dos seus tons de pele, desde crianças, mas que alcançam um processo de superação, uma vez que se transformam e passam a sentir orgulho de sua cor. A seguir, destacam-se alguns pontos que convergem e se diferenciam em ambas as produções.

PROTAGONISMO NEGRO, VIOLÊNCIA, RELIGIOSIDADE E SORORIDADE

No início da obra epistolar, é possível perceber os obstáculos enfrentados pela protagonista, que, depois da morte da mãe, passa a conviver com sua tia Catalina. Também moram, na pequena casa, as primas Lilita e Nina, filhas de Catalina, que rejeitam a jovem cubana e a ofendem, assim como as demais parentes. Chamam-na de feia e beijuda, falam do seu cabelo, cospem-na e descontam nela a discriminação que também recebem.

Ademais, a menina é obrigada a realizar afazeres domésticos diversos e sofre agressões físicas por parte da avó, que possui pela garota uma espécie de aversão. Sentindo-se sozinha, sem alguém para compartilhar suas tristes vivências, a protagonista passa a escrever diversas cartas a sua falecida mãe, encontrando nessa prática uma

1 O vídeo com o poema vocalizado, contendo a legenda com a tradução do poema para a língua portuguesa, pode ser conferido no seguinte link: <https://www.youtube.com/watch?v=RljSb7AyPc0>. Acesso em: 28 jul. 2023.

maneira de externar seus sentimentos, enquanto reflete sobre as situações passadas e presentes de sua vida:

Querida mamãe,
esta noite eu vi você nos meus sonhos. Você usava um rabo de cavalo bem comprido, amarrado com uma linda fita vermelha. Corria de um lado para outro do céu, empinando uma pipa feita de nuvens.
[...] Chamei por você em vão. Foi triste.
Acordei chorando. Ninguém veio ver o que estava acontecendo comigo. Não sei porque tia Catalina ficou comigo.
Só se importa mesmo com as filhas.
Lilita e Niña passam os dias zombando de mim.
Eu não ia zombar se a mãe delas tivesse morrido.
(CÁRDENAS, 2010, p. 9-10)

A jovem transforma suas cartas em uma espécie de diário, pois nelas estão contidas relatos de suas tristes experiências, como se ela as quisesse guardar para futura consulta. Nesse sentido, em sua escrita, ocorre uma interessante mescla de gêneros textuais. Na atitude de arquivamento das memórias da dor, reside a situação de desamparo, o trauma instaurado, a ferida já aberta e que infelizmente advém da própria família. Em seu clã, a garota sente-se constantemente injuriada pela cor da pele, uma vez que sua avó acredita em uma superioridade da raça branca, e que aos negros restaria somente “apurar” a raça, se misturando a eles, conforme pode ser visto no fragmento abaixo:

[...] minha avó diz que é bom apurar a raça. Que o melhor que pode acontecer com a gente é casar com um branco.
Ela quer trabalhar como empregada na casa de uma família branca. E embora titia proteste, dizendo que isso é coisa do passado, ela insiste que não sabe fazer outra coisa. Imagino que ela já não se empenhe em apurar nada. (CÁRDENAS, 2010, p. 13)

Diante desses apontamentos, percebe-se que a avó da garota, embora negra e repreendida pela filha, exalta a cultura e os valores dos brancos, algo não compreensível para a jovem cubana. Conforme defende Benatti e Candido, “trata-se de livrar-se da dor e do fardo de carregar pesos da escravidão que ainda não acabou e que adquiriu novas faces” (2020, p. 117). E desconectar-se disso nem sempre é uma tarefa fácil de ser assimilada para muitos negros.

A narrativa, portanto, alude às questões raciais e à situação do negro na América Latina como um todo: considerados menores, irrelevantes, ou seja, inferiorizados por uma classe que se impõe dominante. Tal opressão resulta no silenciamento desses discursos considerados subalternos, pela mesma sociedade que subsiste nos preconceitos e que atravança a integração plena como indivíduo pertencente a um espaço identitário comum.

Esse mesmo cenário pode ser observado no início do poema *Me Gritaron Negra*, em que a criança, até os cinco anos de idade, nunca tinha se atentado para o racismo, até ser vítima dele, da forma mais cruel possível. A partir de então, a garota muda de postura e tenta renegar as origens negras e toda a cultura afrodescendente, alisando o cabelo, como as primas da protagonista de *Cartas para Minha Mãe*, e clareando o tom de pele com maquiagem, como pode ser observado no trecho do poema:

Me alacé el cabello,
me polvéé la cara,
y entre mis cabellos siempre resonaba
la misma palabra
¡Negra! ¡Negra! ¡Negra! ¡Negra!
(LIDE UFF, 2013)

É perceptível, então, que, em ambas as produções, as personagens negras passam a acreditar na superioridade da raça

branca, veneram e absorvem muitos dos costumes europeus, dos colonizadores. Segundo Mbembe (2014), o povo negro representa, sob a perspectiva do colonizador, um símbolo de inferioridade, o exemplo do “ser-outro”. No mesmo sentido, a África, seria um “não-lugar”, significando atraso e falta de civilização. Na ótica colonialista eurocêntrica, todas as contribuições africanas para o mundo deveriam ser desconsideradas, camufladas ou extintas.

Nas primeiras estrofes, quando ainda não se orgulha da identidade negra, a garota do poema segue essa ideologia. O mesmo acontece no romance, em que o senso de inferioridade das primas e da avó da jovem cubana faz com que sigam essa ideologia e tentem, assim, liquidar essas marcas, alisando os cabelos, por exemplo, ou desejando “apurar” a raça. Entretanto, o eu-lírico do poema sofre uma grande modificação e, assim como a jovem autora das cartas, tenta, posteriormente, fazer a diferença e romper esses laços preconceituosos defendidos por grande parte da sociedade e até mesmo por seus ancestrais, como a avó da jovem cubana. Percebe-se, assim, que ambas as protagonistas pretas, apesar de todo preconceito e menosprezo sofridos, resistem, por sua própria raça; e, no caso da jovem negra do livro *Cartas para Minha Mãe*, a personagem resiste por sua mãe, por não encontrar fundamento no discurso da avó e de tantos outros, que de formas diversas fortalecem estereótipos enraizados e dividem o mundo em claro e escuro, como se tal distinção fosse realmente relevante.

Ao encontrar um pedaço de espelho na rua, a jovem do romance leva-o para casa e passa a observar-se. Suas características físicas, já tão depreciadas, revelam à personagem um modo de encaixar-se na sua história e na história de seu povo, sem necessidade de

apurar a raça, ou branquear sua pele. Tal fato pode ser verificado no fragmento abaixo:

Agora, passo o tempo todo me olhando. A testa, os olhos, o nariz, a boca...

Sabe de uma coisa? Descobri que meus olhos são parecidos com os seus, que não podiam ser mais bonitos, e que minha boca e meu nariz são normais. Não gosto que digam que negros têm o nariz achatado e beiçã. Se Deus existe, com certeza está furioso por ouvir tanta gente criticando sua obra.

Como acha que eu ficaria com olhos azuis, narizinho fino e a boca feito uma linha? Horrerosa, não é verdade?

Por isso não deixo que passem pente quente em meu cabelo. Não quero ficar parecida com Sara. Prefiro fazer penteados, como as africanas.

[...]

Algumas pessoas não sabem ser negras. Tenho pena delas. (CÁRDENAS, 2010, p. 19-20)

A partir desse momento, instaura-se o processo de mudança na personagem autora das cartas. E o eu-lírico feminino do poemacção, por sua vez, conforme vai crescendo, reconhece-se como mulher negra e se orgulha de sua identidade, abandona a prática de alisar o cabelo e passa a valorizar a cor de sua pele:

¡Negra! Sí
 ¡Negra! Soy
 ¡Negra! Negra
 ¡Negra! Negra soy
 De hoy en adelante no quiero
 laciár mi cabello
 No quiero
 Y voy a réirme de aquellos,
 que por evitar – según ellos –
 que por evitarnos algún sinsabor
 Llaman a los negros gente de color

¡Y de qué color! NEGRO
¡Y qué lindo suena! NEGRO
¡Y qué ritmo tiene!
(LIDE UFF, 2013)

Vê-se, pois, o crescimento de ambas as personagens negras dentro das duas obras. A força e o desejo de mudança brotam dentro delas. Segundo Santiago, é comum que, em obras literárias de autorias negras, as personagens pretas se destaquem pela força, coragem e determinação: “figuras femininas negras, ávidas pela afirmação de si, ou simplesmente pelo desejo de tornar-se, de estarem cientes de seus dramas” (SANTIAGO, 2012, p. 163). Todavia, vários percalços são enfrentados por essas jovens protagonistas, que sofrem duras agressões, tanto física como psicologicamente, até mesmo por parte de seus familiares, como ocorre em *Cartas para Minha Mãe*.

Nessa obra, a personagem principal sofre agressões físicas por parte da avó materna e verbais pelos outros familiares. Após levar uma surra de sua avó, a protagonista assim escreve em seu diário, aludindo às torturas que ocorreram aos negros durante a escravidão: “Mamãe, a coluna me dói toda. Vovó me espancou como se fazia com os escravos” (CÁRDENAS, 2010, p. 37). Nesse trecho, nota-se a frieza da avó em relação à garota, que a trata como se entre elas não houvesse nenhum parentesco. No começo do livro, o leitor induz que as agressões talvez possam ser causadas devido à cor de pele da jovem cubana e de seus traços fortes, sendo a avó racista com a própria neta. Porém, ao final da narrativa, entende-se que, na verdade, a avó e a tia a maltratam pela decisão do pai da jovem em abandonar tia Catalina para estabelecer uma relação amorosa com a mãe da protagonista. Logo, as agressões consistem em uma forma de revidar o ódio que sentem pela mãe da garota.

Mas, apesar do ambiente hostil que presencia em seu próprio lar, a jovem faz o possível para manter-se equilibrada mentalmente. Ela se transforma, amadurece e, nesse processo, vê seus traços físicos, sua cor e seu povo com orgulho. Além disso, consegue perceber-se inserida em um processo histórico, repleto de percalços e estigmas, mas portador de uma espessa simbologia. Desse modo, o objetivo da narrativa se cumpre na decisão da menina de não negar a si mesma e de respeitar seus traços físicos, uma vez que eles se relacionam com a sua história. Tal atitude significa também respeitar a própria identidade, que, segundo Hall (2011), é conceituada histórica e não biologicamente.

Nesse sentido, a legitimação da própria identidade, em *Cartas para Minha Mãe*, é um grande passo para a interação indivíduo-sociedade. Interação essa que pode, inclusive, tornar-se diferente, em variados momentos, pois não são centralizadas a um “eu” coerente (HALL, 2011). Essa alternância de visões torna-se relevante, na medida em que se toma consciência de seu ponto de partida, ou seja, o processo histórico situado no passado, o qual compreende o sequestro de negros africanos, que desembarcaram como escravos em terras americanas, e seu impacto no presente, como sujeitos sociais em transformação e, ao mesmo tempo, transformadores. Seus aspectos culturais estão inseridos na própria sociedade latino-americana, e ainda causam impacto no presente e nas novas gerações, como o público juvenil, para quem a obra é endereçada.

Nesse contexto, cabe ressaltar as influências positivas com as quais a jovem do livro tem contato, o que, sem dúvidas, contribui satisfatoriamente para o seu processo de amadurecimento e mudança de atitude durante a narrativa. A cubana estabelece um

forte vínculo com Menú, uma senhora que sempre a aconselhava e cuidava de seus machucados quando a avó a agredia. Menú, inclusive, defendia a jovem das agressões. Apesar da diferença de idade, ambas formam uma bela amizade e se complementam, tentando preencher o vazio deixado pela ausência de seus entes queridos – Menú perdera o filho ainda pequeno, assim como a garota perdera a mãe ainda na fase da infância.

É nesse processo intenso de amizade com Menú que a garota passa a conhecer mais acerca da religião de matriz negra-africana. A senhora aborda essa religião de uma forma mais leve, ensinado para a protagonista que existe um Deus misericordioso e a ensina a rezar. Como a jovem afirma, ela tenta dizer as palavras certas para que Deus lhe ouça e, depois disso, fica curiosa para saber sobre como era Deus, porque nas fotos da igreja ele tinha olhos azuis e era branco. Em decorrência dessa observação, Menú lhe diz que o Deus dos africanos se chama Olofi e é o mesmo Deus dos brancos, só que cada um coloca a cor e o nome que melhor lhe convier. Assim, as pessoas vão adaptando as vertentes religiosas de acordo com as próprias convicções, sendo, muitas delas, preconceituosas. Menú, no entanto, alerta a jovem acerca da importância da diversidade religiosa e do respeito às demais religiões, principalmente as de origem africana, que tanto influenciaram os cubanos na América. Esse é um modo de mostrar para a jovem que há outras religiões, diferentes das crenças católicas, trazidas pelos colonizadores, e que ainda imperam, de forma bastante ampla, em diversos países.

Há também uma personagem muito importante para o desenvolvimento da garota: o seu colega de escola, Roberto, também amigo de Menú. Antes, a garota ouvia da avó que ela não poderia

ter um relacionamento com alguém branco, porém, com o passar do tempo, ela muda de opinião, ao ver a jovem em companhia do rapaz. Certo dia, quando a avó perguntou à menina quem é o “branquinho” que andava com ela não soube o que responder, pois tinha esquecido que seu amigo era branco: “Foi então que descobri que, quando gostamos de alguém, a cor da pele não tem importância. E, além do mais, é mais bonito dizer Roberto que ‘o Branquinho’” (CÁRDENAS, 2010, p. 88). Situação semelhante acontece com a criança do poemacção *Me Gritaron Negra*. Ela nunca tinha percebido que a cor da pele poderia ser alvo de preconceito. É como se tivesse esquecido ou simplesmente não tivesse se atentado para o fato de que era negra, o que lhe foi lembrado de forma muito cruel e agressiva, por pessoas preconceituosas, que a xingavam na rua por ser preta.

Ao longo da narrativa epistolar, é possível perceber que há um estreitamento da relação entre as primas negras: a jovem cubana e Lilita. No início do romance, evidencia-se uma rivalidade entre elas. As narrativas levam o leitor a compreender que a postura agressiva da avó e da tia da protagonista contribuíram para que as primas exercessem comportamentos semelhantes de preconceito e discriminação.

De acordo com Chimamanda Ngozi Adichie, em seu livro *Sejamos Todos Feministas*, “Criamos nossas filhas para enxergar as outras mulheres como rivais” (ADICHIE, 2011, p. 34), o que não é nada positivo, e isso acontece entre a autora das cartas e sua prima Lilita. Quando esta fica doente, os familiares dizem que a personagem principal “jogou mau-olhado” em Lilita, como se ela tivesse algum tipo de inveja da própria prima, fazendo com que a rivalidade entre elas se tornasse mais acirrada. Porém, no decorrer da história, essa relação muda, quando a protagonista descobre que ela e Lilita são

filhas do mesmo pai. No decorrer do romance, ambas começam uma busca por esse homem e aprendem a se tratar como irmãs.

Assim, faz-se presente nessa obra a sororidade, definida por Leal como um sentimento “capaz de superar outros como o ódio, a inveja e o ciúme e mobilizar ainda a amizade, a solidariedade e a indignação das mulheres frente ao patriarcado” (2018, p. 9). Nesse quadro epistemológico, o ato das primas retrata a união de mulheres para um bem comum, em que uma conta com a ajuda da outra, para que juntas sigam o mesmo objetivo, sempre em união contra tudo aquilo que as oprime.

Já no poema-canção, embora não esteja explícita essa relação com a sororidade da mulher negra, ela pode ser facilmente recuperada quando o eu-lírico feminino enfatiza sua força interior e o orgulho de sua cor, que ainda são mais evidenciados na vocalização do poema feita pela própria autora, que conta com a participação de outras mulheres pretas, gritando repetida e enfaticamente o termo *Negra*. Ao ver o clipe do poema no Youtube, essa rede de apoio de mulheres negras se mostra ainda mais forte. Por isso a divulgação de obras de poetas e escritoras pretas é tão determinante.

A IMPORTÂNCIA DA ESCRITA FEMININA NEGRA

Tanto o romance epistolar *Cartas para Minha Mãe* como o poema-canção *Me Gritaron Negra* visam lançar luz acerca da importância do papel do negro na sociedade, sobretudo da mulher preta, ainda mais discriminada. Por isso, é relevante que temas como esses sejam amplamente debatidos dentro de obras literárias e que as mulheres negras possam demonstrar sua força e determinação dentro dos livros.

Como defende Candido, a literatura é um direito inerente a todo cidadão, pois por meio dela nos tornamos “mais capazes de ordenar a nossa própria mente e sentimentos, e, em consequência, mais capazes de organizar a visão que temos do mundo” (CANDIDO, 1995, p. 177). Por isso, os livros literários acabam se tornando, por vezes, instrumentos de denúncia social. Tanto Victoria Santa Cruz como Teresa Cárdenas fazem bem isso em suas obras, ao darem o devido destaque e valor às mulheres negras, por meio de suas protagonistas, que, no decorrer dos textos, passam por inúmeras transformações.

É perceptível, então, o desejo de ambas as escritoras em fazer com que o público feminino adentre não só no âmbito acadêmico, mas também assuma uma função social. Segundo Nascimento:

A busca pelos nomes femininos silenciados na historiografia literária coincide com a busca de uma História das mulheres, gênero esquecido durante o longo período em que a História tradicional foi construída, ou mesmo deformado de acordo com as forças políticas envolvidas. (NASCIMENTO, 2015, p. 285)

Por isso é tão importante a representatividade feminina no âmbito literário, para que as autoras possam lançar seus nomes na História, visto que não apenas a escrita, mas também a voz e a história feminina foram negligenciadas durante séculos, sendo o sexo feminino tido como frágil e inferior, devendo se dedicar apenas e integralmente aos afazeres domésticos. Mas isso não impediu que os ideais de várias delas florescessem e buscassem liberdade de expressão. Foi o que fizeram Victoria Santa Cruz e Teresa Cárdenas, as quais se sobressaíram como autoras negras, sobretudo Cárdenas, que é, atualmente, um dos grandes nomes que representam a escrita feminina negra na América Latina.

Nesse contexto, é interessante ressaltar que os estudos pós-coloniais também são constituídos pela visão dos recentes conceitos de integração social, cujos paradigmas têm se diversificado de modo significativo nos últimos vinte anos. Integração essa que sinaliza um novo olhar para as diferenças, ou seja, distinções étnico-culturais representadas pelos grupos minoritários, nas quais estão imbuídas a ideia de uma convivência pacífica entre comunidades ocupantes de um mesmo território e o sentimento de alteridade a partir do conhecimento da diversidade. Haonat e Costa (2020) afirmam que o reconhecimento da diversidade cultural foi impulsionado pela colonização e pela globalização – termos que apontam para diferentes deslocamentos –, e que este último possibilita uma reflexão sobre como estamos lidando com as diferenças étnicas, culturais, de gênero e religiosas na sociedade atual.

No intuito de proporcionar essa reflexão e levá-la a patamares de maior alcance, foi criado o termo *multiculturalismo*, que, segundo Haonat e Costa (2020), remete ao conjunto de políticas públicas que visam uma convivência pacífica entre as diversidades culturais, baseada no respeito e na existência harmoniosa e plural. As autoras ainda indicam que o processo multicultural

surge principalmente com a preocupação de valorização das manifestações culturais próprias de cada grupo. Ele busca não somente o respeito, busca a tolerância, a essência do aceitar o outro e suas escolhas. Ele visa equilibrar a pressão entre a diferença e a igualdade, entre a minha cultura e a cultura do outro. (HAONAT; COSTA, 2020, p. 52)

Sendo assim, o multiculturalismo é adotado pela literatura, o que possibilita uma maior veiculação representativa de grupos antes

dominados e minoritários, cuja cultura passa a ser mais amplamente difundida em sua dimensão histórico-social. Essa inserção alcança diferentes leitores, entre eles o público juvenil, que, através de obras multiculturais, como as de Cárdenas ou de Gamarra, tem a oportunidade de conhecer a cultura do outro e desenvolver por ela um sentimento de empatia, além do reconhecimento de alteridade. Ademais, viabiliza a percepção de erros perpetrados no passado e, por consequência, traumas reverberados no presente.

A literatura multicultural possui, então, a habilidade de dialogar com o leitor, mostrando diferentes visões de mundo, a partir de culturas antes consideradas inferiores, além de promover a reconhecimento da própria cultura, o que representa uma tomada de consciência da identidade do outro e da sua própria. E isso faz com que o negro se sinta representado nas linhas que lê, algo que a própria Cárdenas não teve o privilégio de experimentar em sua infância. Tal fato a motivou, inclusive, a se tornar escritora e assim fazer com que muitos leitores pretos pudessem ter a oportunidade de se sentir representados por protagonistas fortes e determinados, com o mesmo tom de pele deles.

Gomes, por sua vez, ressalta a importância da afirmação identitária nesse contexto. Segundo ela:

a afirmação identitária pode ser vista, não como a solução das graves questões de raça e de cidadania, mas como o indispensável ponto de partida, como o verdadeiro solo, para uma reflexão construtiva sobre o lugar das minorias numa sociedade de exclusões. (GOMES, 2001, p. 506)

Assim, ao olhar-se no espelho e achar-se parecida com a mãe – que para a garota possui a analogia do sagrado e da proteção –, a protagonista de *Cartas para Minha Mãe* sente-se imbuída de forças para combater

discursos homogeneizadores e buscar equilíbrio entre o seu próprio eu e sua posição na sociedade. Nesse viés, a menina consegue avançar a um nível maior de emancipação quanto ao seu pertencimento. Do mesmo modo, o eu-lírico do poema resgata sua identidade de mulher negra, depois dos inúmeros preconceitos e discriminações sofridas.

Ao longo dos fatos narrados nas cartas, é possível perceber que além da questão racial, majoritariamente levantada na história, outras situações ultrajantes estão imbricadas na vida da personagem, como a violência doméstica, ao ser agredida pela avó, ou negligenciada pela tia; a situação de desamparo, que tem início depois da morte da mãe; o testemunho do assédio sexual a que Fernando, o namorado de tia Catalina, inflige Lilita, dentre várias outras. Em outros momentos, a menina tenta traçar pontos de fuga de sua dura realidade, criando para si universos paralelos mais acolhedores. Esses espaços oníricos, juntamente aos episódios de hostilidade, contribuem para dar um peso maior à narrativa, apresentando situações que, eventualmente, fazem parte da vivência de seus leitores, criando assim uma esfera de reconhecimento e pertença entre leitor e obra.

Tal mutualidade pode servir como trampolim para um processo de autodescobrimento e conscientização de jovens leitores, ao dialogar com o sentimento de empatia para com os percalços enfrentados pela personagem no plano ficcional, e para com tantas outras garotas, que, no plano referencial, são de fato atingidas por tais mazelas. Esse contexto, então, reforça o elo de alteridade que se estabelece entre representação e realidade, calcado em seus aspectos verossímeis, alimentando ainda mais a convicção pela resistência.

A questão é amplificada ao verificar a forte representatividade feminina contida na narrativa. Primeiramente, porque as literaturas

que privilegiam o protagonismo da mulher negra são poucas e pouco reconhecidas. E, depois, porque seria vantajoso, aos estereótipos pré-determinados, que essas fossem silenciadas e consideradas menores. Portanto, o ato de representar se torna um relevante impulso de militância, uma vez que, conforme afirma Ribeiro, “os grupos subalternos não têm direito à voz, por estarem num lugar no qual suas humanidades não foram reconhecidas” (2017, p. 74). Sendo assim, *Cartas para Minha Mãe* e *Me Gritaron Negra* evocam um protagonismo que ressignifica a identidade da mulher preta, ainda mais historicamente pormenorizada por hierarquizações históricas.

Na sequência, com o aparecimento de novas circunstâncias na narrativa, como a doença da avó, as conversas com Menú e a amizade com Roberto, é perceptível que a personagem segue em um processo crescente de aquisição de consciência e maturidade. Ela não mais interioriza ou revida as ofensas que recebe, já não deseja que a avó seja levada para o mundo dos mortos e demonstra resignação diante da ausência da mãe. A jovem cubana, que ao final da história já conta quinze anos, descobre, então, o seu lugar no mundo e luta para dele apoderar-se, de modo que seus relatos, nos quais é possível perceber que as memórias da autora estão incorporadas, se fundem a tantos outros discursos de mulheres que buscam por um local de fala potencializado por suas vivências sociais e históricas.

Isso também é evidenciado no poema-canção *Me Gritaron Negra*, o qual termina com a reafirmação da identidade negra por parte do eu-lírico feminino, que passa por grandes transformações, assim como a autora das cartas. Conforme foi visto, ambas as garotas passaram por situações de enfrentamento que, unidas, entrelaçam-se em uma teia de resistência que evidencia suas lutas, tanto no

âmbito racial quanto de gênero. Mulheres há muito pormenorizadas, mas que, ao falar, seja por meio de cartas-diários, seja por meio de versos, testemunham, ressignificando o silenciamento de antes. Para essas protagonistas, resistir é não se abater diante dos obstáculos; é não se convencer da supremacia racial, pois resistir é viver.

Logo, para tantas mulheres negras e subjugadas, a arte literária surge como um espaço de troca de experiências, ou escrevivências, como diria Evaristo (2005). Obstinadas por seus ideais, tais mulheres buscam o reconhecimento de uma “identidade de mulher negra que se constitui como sujeito político e histórico” (RIBEIRO, 2017, p. 49). E, através dessa importante conquista, promovem um resgate cultural, baseado também na ancestralidade e nas tradições de seu povo, ao romper com as barreiras da subalternização, ao mesmo tempo em que adquirem uma propriedade legítima e autônoma sobre seus corpos, histórias e consciências.

A escrevivência de Evaristo, que afirma a própria subjetividade e vivência enquanto mulher e negra na sociedade, ao dialogar com a memória ancestral do povo africano, constitui um projeto estético e político a ser defendido por inúmeras escritoras negras, como as duas que foram aqui retratadas. Sendo assim, a escrevivência reflete o interior do ser mulher, sem ser necessário se esconder em estereótipos sociais e se moldar a uma identidade que não representa a subjetividade de tantas mulheres negras, descritas pelas autoras aqui investigadas, em suas ilustres obras. A afirmação da voz potente das escritoras, então, ecoa, quebrando paradigmas, tanto de um sistema literário excludente, quanto de um sistema social machista e misógino.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, evidenciou-se os diálogos pautados pelo protagonismo negro feminino em duas obras: *Cartas para Minha Mãe*, romance epistolar de Teresa Cárdenas, e *Me Gritaron Negra*, poema-canção de Victoria Santa Cruz. Buscou-se refletir sobre o papel das mulheres negras na sociedade e sua construção na história, que perpassa pelo cerceamento da liberdade a partir de sua chegada à América. Pondera-se sobre como é constituída a identidade dessas duas mulheres, e as experiências ancestrais de um povo e de suas consequências no presente, hibridizadas pela inserção de elementos estéticos.

Os resultados obtidos apontam para uma visão mais reflexiva sobre o papel da mulher negra na sociedade contemporânea. Poder exaltar o talento de duas grandes escritoras, que impulsionaram o movimento de representatividade feminina negra no âmbito literário, é uma forma de deixar registrado o grande legado delas na História, servindo de inspiração para outras mulheres, sobretudo pretas, que desejem exercer o ofício da escrita literária. Por isso, estudos como esse são extremamente importantes de serem divulgados, no meio acadêmico, e merecem ser amplamente estimulados, para se quebrar com estereótipos preconceituosos referentes às mulheres, e mostrar a importância da voz feminina negra, por meio da literatura, e como esta pode contribuir para o fortalecimento diário da luta por igualdade racial e de gênero.

Também pensou-se na condição social da mulher negra e sua representatividade, manifestada em lugares de fala, os quais se contrapõem ao silenciamento e à exclusão. Espaços revisitados, que colaboram para o fortalecimento de uma identidade reconhecida

a partir dos aspectos que integram a coletividade. Discursos recuperados, porém, agora, vistos de forma diferente, pois estão integrados a uma rede de resistência.

Resistência essa que se empodera diante da consolidação de uma identidade há muito idealizada, mas há pouco validada; processo de reconhecimento para o qual a literatura pós-colonial corrobora em sua interseccionalidade, que neste estudo está vinculada à diversidade étnica, à legitimação identitária de âmbito coletivo e à violência de gênero.

Dessa maneira, a tentativa de desumanização que acontece com as personagens também é uma forma de visão dos elementos de subalternidade presentes nas obras. Entretanto, como se sabe, os discursos subalternos emergidos com a pós-colonialidade trazem em seu âmago noções de identidade e resistência, que se contrapõem à situação de quase anonimato das protagonistas, que, justamente por não terem um nome oficialmente citado nos textos, assumem inúmeras vozes que ecoam em suas vivências.

Em vista disso, as personagens de ambas as obras, com suas histórias de luta e de resignificação diante da memória, perfazem um importante trabalho dentro dos estudos pós-coloniais: elas são agentes que resistem e que representam vivências, a partir de um lugar de fala que promove a alteridade que têm conquistado e que conquista ao mesmo tempo, por ser a literatura um veículo de transmissão. Vozes que ecoam, que resgatam, que desconstroem estigmas equivocados, capazes de parrear-se a ditos predominantes e propor novos horizontes de simbolização.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Sejamos Todos Feministas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- BENATTI, André Rezende; CANDIDO, Alcione Rafael. Cartas para minha mãe, de Teresa Cárdenas: racismo e resistência na voz de uma literata negra. *Revista África e Africanidades*, v. XIII, n. 35, 2020.
- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. 3.ed. São Paulo: Duas Cidades, p. 235-263, 1995.
- CÁRDENAS, Teresa. *Cartas para Minha Mãe*. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Pallas, 2010.
- EVARISTO, Conceição. Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: MOREIRA, Nadilza; SCHNEIDER, Liane (Orgs.). *Mulheres no Mundo: etnia, marginalidade, diáspora*. João Pessoa: Ideia: Editora Universitária – UFPB, p. 201-212, 2005.
- LIDE UFF. *Gritaram-me Negra*. Youtube, 27 ago. 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RIjSb7AyPcQ>. Acesso em: 28 jul. 2023.
- GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GOMES, Heloisa Toller. Vozes em harmonia e conflito na construção da cidadania afroamericana. In: TORRES, Sonia (Org.). *Raízes e Rumos: perspectivas interdisciplinares em estudos americanos*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2001.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 11.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.
- HAONAT, Angela; COSTA, Edilia. O multiculturalismo e um novo olhar sobre o outro: a importância de se educar para a diversidade. *Humanidades e Inovação*, v. 7, p. 50-58, 2020.
- LEAL, Tatiane. A ética da sororidade: sentimentos morais, gênero e mídia. Anais do 27º Encontro Anual das Campós. *Anais eletrônicos*, Campinas, Galoá, 2018. Disponível em: <https://proceedings.science/compos/compos-2018/trabalhos/a-etica-da-sororidade-sentimentos-morais-genero-e-midia?lang=pt-br>. Acesso em: 28 jul. 2023.
- MBEMBE, Achille. *Crítica da Razão Negra*. Lisboa: Editora Antígona, 2014.

NASCIMENTO, Michelle Vasconcelos Oliveira do. Sobre a história da literatura e o silenciamento feminino. *Historiæ*, Rio Grande, v.6, n. 1, p. 283-301, 2015.

PERISSÉ, Gabriel. *Literatura e Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

RIBEIRO, Djamilá. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento, 2017.

SANTIAGO, Ana Rita. *Vozes literárias de escritoras negras*. Cruz das Almas: UFRB, 2012.